

## ***O HOMO RELIGIOSUS NA FORMAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO CEARENSE.***

Prof. Dr. Agenor Soares e Silva Júnior<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

Este artigo procura estabelecer uma relação entre a geografia do semi-árido e a formação religiosa do sertajeno, imprimindo, segundo a literatura especializada, uma memória secular que “emoldurou” a fisionomia do homem do sertão como resultado das experiências com o meio geográfico.

**Palavras-chave:** *Semi-árido; memória; religião.*

O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de má luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos a altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzes alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes... Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca. O matuto considera a prole apavorada; contempla entristecido os bois sucumbidos, que se agrupam sobre as fundagens das ipueiras, ou, ao longe, em grupos errados e lentos, pescoços dobrados, acoroados com o chão, em mugidos prantivos “farejando a água”; - e sem que lhe amortença a crença, sem duvidar da Providência que o esmaga<sup>2</sup>.

As idéias consagradas pela narrativa naturalista de Euclides da Cunha, em experiências sentidas pela vivência do romancista nos tabuleiros nordestinos do século XIX, estabeleceram uma memória sobre o homem do sertão envolto numa atmosfera de resignação aos ditames de Deus no seu sofrível cotidiano, espaço inóspito, em que o sol também emerge como personagem, a seca como um desafio permanente e a

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de História da Universidade Estadual vale do Acaraú – UVA; Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Este artigo faz parte da tese de doutoramento: *Cidades Sagradas: A Igreja Católica e as transformações urbanas no Ceará (1870-1920)*.

<sup>2</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 139-40.

religiosidade como amparo ao sofrimento, estabelecendo a terra como o *palco* e o homem como *elenco* onde, na fundição entre os elementos, fez surgir o sertanejo.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha apresenta a aridez como fonte da desesperança, do melancólico, portal de um mundo inóspito, lúgubre, que congrega a dor com a vontade de viver, alimentado por uma memória sobre o espaço que remete a tempos bem remotos, confirmado nos dizeres do folclorista Gustavo Barroso:

Todo o sertão é de uma grande tristeza, na cor, no silêncio, no aspecto; e essa tristeza se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro a outro lembra um gemer de moribundo: o estalar crepitante dos gravetos pisados por qualquer animal parece um soturno falar de avantesmas; um canto de pássaro, um alto piu da ave de rapina, um guincho de pixuna, tudo é triste, tudo é melancólico. Qualquer som que quebra o silêncio parece mais triste que o próprio silêncio<sup>3</sup>.

Podemos encontrar as idéias ou memórias sobre o Ceará descritas numa produção que remonta aos tempos coloniais. Portugueses colonizadores, religiosos missioneiros, administradores reais, estrangeiros viajantes em missões científicas, cronistas; grande parte deixou impressões sobre o Ceará estabelecendo um retrato telúrico à região: de natureza áspera, solo estéril, resultando num espaço fantasmagórico que ajudara a estabelecer desde sua gênese uma imagem negativa à capitania. Segundo João Brígido, o Ceará era a terra da desolação e da miséria, julgado segundo as impressões produzidas pela natureza áspera, e a primeira vista intratável. A flora e a fauna pareciam paupérrimas, o solo estéril, o clima menos apto para o desenvolvimento da vida<sup>4</sup>.

Todas essas imagens produzidas pela memória de experiências passadas ajudaram na montagem desse “lugar insatisfatório”, referendado pelo universo religioso do homem do sertão. Nos idos de 1900, ao escrever sobre o povoamento cearense, João Brígido afirmara que desde Pero Coelho, considerado o primeiro desbravador da região no século XVII, a Henri Koster, viajante luterano que por aqui deixou suas impressões de viagens no XIX, o Ceará sempre foi apresentado de forma negativa dada às questões climáticas. Para o estudioso, procurando evidenciar o erro dos primeiros observadores – segundo ele com conceitos desfavoráveis –, assegurava que ao contrário do que se pensava, o Ceará assim como o Rio Grande do Norte e outras regiões do antigo bispado

<sup>3</sup> BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol: natureza e costumes do norte*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. p. 04.

<sup>4</sup> BRIGIDO, João. *Povoamento do Ceará*. Revista do Instituto do Ceará. Tomo XIV, 1900. p. 241.

de Pernambuco eram as que melhores condições ofereciam ao desenvolvimento da vida<sup>5</sup>.

Localizado na região nordeste na sua parte mais oriental, o Ceará conta hoje com uma área territorial de 148.825,6 km<sup>2</sup>; correspondente a 74,3% do semi-árido nordestino<sup>6</sup>. Esse posicionamento geográfico ajudou, no passado, a delinear idéias sobre a região como espaço das secas, sempre relacionada às inconstâncias climáticas, instituídas enquanto sinônimos de sertão<sup>7</sup>. Tal analogia é percebida já nos estudos de Antônio Bezerra quando, em 1906, apresentara as coordenadas geográficas da região estabelecendo semelhanças com a África:

Situado ao norte do continente sul-americano, o atlântico deu ao seu território quasi a mesma configuração e relêvo do continente africano, que lhe fica fronteiro, e grande parte do interior, aberto em extensos taboleiros que aos ardôres do sol do estio se despem da ligeira vegetação, semelha em muito por êsse tempo aos campos do continente negro<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> No ano de 1885, Alípio Luis Pereira da Silva escreveu sobre as calamidades das secas nas regiões do Ceará e Rio Grande do Norte, denunciando a necessidade de auxílio a essas províncias pelo parlamento brasileiro devido aos resultados das secas da década de 1870 que, segundo ele, vieram a morrer 800.000 habitantes. Segundo o autor, durante as secas de 1877 até 1879 morriam diariamente 200, 400, 800 pessoas em cada distrito das províncias, chegando ao número exorbitante de 1.300 em Fortaleza. Ver: SILVA, Alípio Luis Pereira da. *Considerações geraes sobre as províncias do Ceará e Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Typ. União, 1856. p. 58-9.

<sup>6</sup> Esse percentual não reproduz uma unanimidade. Para alguns estudiosos o Ceará possui 94,8% de seu território pertencente ao semi-árido. O semi-árido nordestino totaliza 115 milhões de hectares que congrega todos os Estados do Nordeste, regiões conhecidas como “Polígono das Secas”, que cobre 879.665 km<sup>2</sup> no Nordeste e no norte de Minas Gerais, onde cobre mais 57.328 km<sup>2</sup>, totalizando 936.993 km<sup>2</sup>. SOARES, Paulo Gil. *Nordestinos: conviver com a seca e dela tirar proveito, para acabar com o abandono, a miséria e a fome*. Rio de Janeiro: Ed. Rio Gráfica Ltda/Rede Globo, s/d. p. 18. Estudos contemporâneos sobre o semi-árido privilegiam discussões acerca da relação do homem com o meio ambiente, entendendo este ecossistema como múltiplo. Através de uma discussão interdisciplinar são apresentados múltiplos olhares na produção e difusão do conhecimento no âmbito da semi-aridez, tanto nos aspectos naturais como culturais. Sobre isso ver: COSTA FALCÃO, Cleire Lima da; FALCÃO SOBRINHO, José; SOUSA, Raimundo Nonato Rodrigues de; MOTA, Francisco Alencar (orgs.). *Semi-árido: diversidades naturais e culturais*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.

<sup>7</sup> Aqui adotamos a idéia da historiadora Ivone Cordeiro Barbosa, quando afirma que a palavra *sertão* guarda um enorme poder de evocação de imagens, sentimentos, raciocínios e sentidos que em torno dela foram sendo construídos ao longo da experiência histórica brasileira: “Além de referir-se a um determinado espaço geográfico – o interior, as terras distantes do litoral, sendo esta, provavelmente, a sua articulação mais imediata e linear –, é o seu conteúdo cultural, ao designar um determinado espaço como lugar de tradições e costumes antigos, enfim, naquilo que é concernente às experiências históricas vividas nesse espaço, que a força simbólica do sertão mais se faz sentir. Portanto, se a palavra tem essa força, ela se assenta principalmente no significado das experiências que historicamente têm consubstanciado e qualificado o espaço sertanejo”. Sobre isso ver: BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. (Col. Outros Diálogos). p. 33.

<sup>8</sup> MENEZES, Antônio Bezerra de. *O Ceará e os cearenses*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. [Ed. fac-símile, 1906]. p.1. Assim como Antônio Bezerra, grande parte dos intelectuais cearenses de início do século XX eram associados ao *Instituto do Ceará*, criado em março de 1887. Figuravam como “fundadores” dos trabalhos de investigação sobre o Ceará, influenciados pelos estudos desenvolvidos pelo *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB*, que acompanhava discussões de

Para o estudioso, com posição setentrional em relação ao continente, ficava o Ceará batido por ventos alísios, sujeito às terríveis calamidades climáticas, conseqüente produtor de lugares desérticos. Antônio Bezerra considerava enquanto gênese dessas idéias, as impressões dos primeiros povoadores: do conquistador Pero Coelho aos jesuítas Francisco Pinto e Luis Figueira, através de suas memórias sobre a região, influíram para que se denominasse a nova terra de *Sahara* em vista das dunas extensas que orlavam suas praias, assemelhando-se ao deserto africano. Aliás, segundo ele, *Ceará* e *Sahara* são palavras que quase se confundem na pronúncia: “e a muito temos ouvido chamar *Sahará*”<sup>9</sup>.

Por ser praticamente ilhado ao restante do Nordeste, o historiador Geraldo Nobre adjetivara sua posição geográfica como *peculiar*<sup>10</sup>; tais peculiaridades acompanharam a dinâmica de ocupação do espaço cearense assim como na própria formação de suas povoações, vilas e cidades espalhadas pelos sertões; questões que se apresentariam enquanto dificultosas ao processo de inserção da capitania aos interesses da coroa portuguesa, assim como sua conseqüente inclusão à política de urbanização lusitana.

Segundo as descrições de Thomas Pompeu Sobrinho, o Ceará constituía-se de uma vasta região intertropical, encantonada no extremo nordeste do Brasil, intimamente articulada, tanto sob o aspecto físico como social aos Estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Sua geografia, que de um lado se limitava pelo mar, do outro circunscrevia a

---

temas como a questão da nacionalidade e da identidade nacional, de recriar o passado, definir e datar as origens e singularidades fundantes, ordenar fatos e cronologias, demarcar o território e as fronteiras culturais; enfim, criar uma narrativa histórica na e sobre a nação. Congênere do IHGB, denominando-se como *histórico, geográfico e antropológico*, destinado ao cultivo da História, da Geografia, das Letras e Ciências em geral, o *Instituto do Ceará* passou a reunir uma elite intelectual explorando estudos que possibilitassem “resgatar” a história regional, relevando sua importância no contexto nacional, procurando inserir uma região historicamente colocada à margem do processo de desenvolvimento pátrio. Fundado por Paulino Nogueira, Guilherme Studart e mais outros dez intelectuais, teve como objetivo conhecer a história e a geografia da região e integrá-la ao restante do país. Já em seu primeiro número procurava uma identificação de sua gênese, onde seus sócios colaboradores reproduziam séries de estudos históricos, cronologias, efemérides, assim como transcrições de fontes documentais, numa narrativa pautada em um discurso fundador do Estado. Esse *escol* de pensadores ajudou a produzir uma memória sobre o Ceará, congregando memorialistas, historiadores, lingüistas, estatísticos, geógrafos, folcloristas, que desenvolveram uma historiografia pautada geralmente nas investigações em arquivos, documentos cartoriais e eclesiásticos, narrativas de viajantes, que ajudaram a compor a história social, política, econômica e cultural da região, assim como uma busca em responder a formação social cearense e a definitiva inserção da província no fazer-se do Brasil. A publicação de sua primeira revista se deu no ano de sua criação, 1887. Sobre isso ver: AMORA, Manoel Albano. *Crônicas da Província do Ceará*. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1990; GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1953; OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto do Ceará e a emergência de uma narrativa historiográfica*. Revista do Instituto do Ceará. Tomo CXVIII, 2004.

<sup>9</sup> Idem. p. 2.

<sup>10</sup> NOBRE, Geraldo. *Formação das cidades no Ceará-colônia*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo C, 1986. p. 250.

cordilheira da Ibiapaba, assim como a serra do Araripe e outras menores inclinando-se para a costa do mar, formando um polígono com sete mil léguas de extensão aproximadamente<sup>11</sup>.

O certo é que mesmo pela simplificação produzida pelos estudiosos, as idéias construídas sobre a capitania cearense passavam necessariamente por essas questões. Situada na região geográfica da seca, a natureza foi marca fundante do fenômeno de colonização, fixação e desenvolvimento do Ceará, sendo os longos períodos de estiagem, registrados oficialmente desde o século XVII, a característica da identidade espacial e religiosa; estruturante e ao mesmo tempo desestruturante, sendo sua história marcada por esses movimentos onde as condições de vida pareciam ser regidas pelas estações climáticas.

Para não ficar somente nos registros de viajantes europeus anteriores ao século XX, Gilberto Freyre parece consagrar essas idéias ao prefaciá-la obra *Sociologia das sêcas*, datada de 1947, retratando assim a região:

Quando um brasileiro ouve falar em ‘sêcas’ pensa imediatamente no Ceará e em 77. Um lugar e uma data. É que êsse lugar e esses dois 7 quase apocalípticos se tornaram a síntese dramática das grandes sêcas que o Brasil tem sofrido. A população martirizada pelas sêcas não tem sido porém, apenas o cearense e sim a do inteiro Nordeste árido ou semiárido. E, quanto a datas, já houve quem atinasse com uma espécie de ritmo... Uma como relação rítmica entre o espaço e o tempo... O clima de uma região – O Nordeste árido do Brasil – dançando sua dança macabra, não arrítmica ou descompassadamente, mas ao som de uma espécie de música<sup>12</sup>.

As idéias apresentadas por Gilberto Freyre que como de outros escritores sobre o Nordeste trazem consigo influências de narrativas de viajantes naturalistas e cronistas dos primeiros séculos, assim como da literatura de fins do século XIX e início do XX<sup>13</sup>,

---

<sup>11</sup> SOBRINHO, Thomas Pompeu. *O Ceará: aspectos fisiográficos e antropogeográficos*. In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939. p. 7. Ver ainda: FILHO, Carlos Studart. *O povoamento do Ceará. 1ª. Parte. Ambiência*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXXIII, 1969.

<sup>12</sup> ANDRADE, Lopes de. *Introdução à sociologia das sêcas*. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1947. p. 07.

<sup>13</sup> Francisco Régis Lopes Ramos expõe em um rico artigo uma análise entre a obra de Tristão de Alencar Araripe, *História da Província do Ceará*, publicada em 1867, considerado por alguns como o primeiro historiador do Ceará e José de Alencar, com o romance *Iracema*, publicado dois anos antes; apontando a produção dos dois intelectuais como formas de delinear o passado da capitania, buscando “criar elementos identitários a serviço do Brasil e, por conseguinte, do Ceará”. Ver: RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Passado sedutor: a História do Ceará entre o fato e a fábula*. In: RIOS, Kênia Sousa; FILHO, João Ernani Furtado (org.). *Em Tempo: História, Memória, Educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. pp. 279-298.

apontam para um resgate à produção de uma memória que estabelece a região cearense como um espaço singular: espaço da fome, do flagelo, do descalabro, da miséria, do macabro, da “terra esquecida por Deus”; uma continuidade ao pensamento secular sobre a capitania.

Vivendo ao “sabor do tempo” o sertanejo instituiu uma cultura do deslocamento, que estabeleceu os elementos fundamentais a sua fixação e ao desenvolvimento de uma cultura religiosa. Civilização do agreste, espaço do tosco, do rústico, do rude; sinônimo do inclemente, do rigoroso. Homem e espaço aí se fundem concebendo o *agrestino*, homem sertanejo, que na visão de Câmara Cascudo conservara até a primeira década do século XX os arcaísmos do século XV: a imutabilidade linear, o costume inalterável, inserido num universo mental onde mitos, lendas, superstições, estabelecia a relação deste “homem do passado” com sua realidade. Segundo ele, mundo imóvel, severo, preso a cultura escatológica, “guiados pelo relógio do sol”<sup>14</sup>.

Universo iletrado que nos sertões solitários foi ressignificado daquilo apreendido em outros tempos, em outros lugares, produzindo outros sentidos à dinâmica de suas vidas, de uma gente entregue a si mesma, “sem figura de ordem nem de organização”<sup>15</sup>. A religião seria o estabelecimento dessas interpretações (ou reações), os sentidos instaurados ao que não se compreendia, o *ethos* que orientava o cotidiano dessas comunidades. Junto a essas sensações religiosas vinha uma estrutura eclesial débil, que embora procurasse dominar soberana a ordem das coisas pelos seus rituais e sacramentos, teria que se moldar a “cultura rústica”<sup>16</sup>, tarefa nada difícil.

Segundo Riolando Azzi, a instabilidade da vida levava o português colonizador a desenvolver o sentido mítico da existência, no intuito de fortalecer os vínculos de dependência com o mundo “superior”, “do além”, com o mundo do divino de santos e almas, enfatizando, assim, o caráter transcendente e metafísico da existência humana do

---

<sup>14</sup> CASCUDO, Luis Câmara. *Tradição, Ciência do Povo: pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

<sup>15</sup> ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. Op. cit. p. 139.

<sup>16</sup> Trabalhamos aqui com o conceito de Maria Izaura Pereira de Queiroz ao utilizar o messianismo no Brasil e suas relações e características com a sociedade nacional, fazendo um contraponto entre cultura urbana e cultura rústica na perspectiva de um “continuum sociocultural”. A autora utiliza a categoria de “sociedade rústica nacional” para se referir ao meio onde eclodiram os movimentos messiânicos sertanejos no Brasil, incluindo, aí, Juazeiro do Norte. Ver: QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.



qual dimanava seu impulso vital, sua força e a garantia de sua sobrevivência sobre a nova e desconhecida terra<sup>17</sup>.

Entre o batismo e a extrema unção a Igreja procurava estabelecer um cotidiano religiosamente orientado com gestos ciclicamente repetidos, projetando-se como autêntica força social que controlava uma parte importantíssima das redes de sociabilidade que se estabeleciam no tecido social das comunidades sertanejas<sup>18</sup>. Essas ações, produzidas pelos primeiros religiosos educados no universo cultural ibérico construíram interpretações muitas vezes permeadas de uma religiosidade ainda entendida como medieval<sup>19</sup>. Esse universo seria também resultado de uma certa escassez desses religiosos que não conseguiam acompanhar, ao menos de início, o processo de interiorização aos sertões cearenses, deixando o sertanejo realizar “solitariamente” suas decodificações ao “novo espaço” e “a nova vida”, resultando numa pluralidade de interpretações, trazidos de seus locais de origem e reajustados em realidades ascéticas, introduzindo práticas “mágico-religiosas-curativas” como forma de autodefesa e proteção ao meio, buscando o amparo dos patronos celestiais<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> AZZI, Rioldo. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. p. 62. Para o autor: “Na perspectiva católica da época, a fonte de todo o poder era a própria divindade. Em sua benevolência, a divindade suprema permite que os habitantes celestes partilhassem dos seus dons. Dessa forma, privilégios especiais eram concedidos a Maria Santíssima, considerada “cheia de graça”. Em seguida os santos e os anjos alinhavam-se hierarquicamente nas fileiras dos agraciados celestes, transformando-se assim em protetores da pobre humanidade. Considerava-se, portanto, a vida humana como uma corrente contínua de “graças”, cujos diversos elos eram construídos pela intercessão celeste. Em última análise, a vida era um “dom” divino”.

<sup>18</sup> Segundo Capistrano de Abreu, o domínio exercido pela Igreja no Ceará em tempos coloniais era estabelecido por uma gama de rituais: “...pelo batismo, tão necessário à vida civil como à salvação da alma; pelo casamento, quando podia permitir, sustar ou anular com impedimentos dirimentes; pelos sacramentos, distribuídos através da existência inteira; pela excomunhão, que incapacitava para todos eles; pelo interdito, que separava comunidades inteiras da comunicação dos santos; pela morte, permitindo ou negando sufrágios, deixando que o cadáver descansasse em lugar sagrado junto aos irmãos ou apodrecesse nos monturos em companhia dos bichos; dominava pelo ensino, limitando e definindo as crenças, extremado o que se podia do que não era lícito aprender ou ensinar”. Ver: ABREU, J. Capistrano de. *Idem*, p. 25-6.

<sup>19</sup> Segundo Eduardo Hoonart, inaugurada pelos jesuítas, especificamente por José de Anchieta e sua “sociologia religiosa” que, aplicada ao Ceará, inferia à religiosidade nativa uma aura maligna, apresentando uma vasta e bem organizada monarquia onde reinava o demônio. Ver: HOONART, Eduardo. *Aldeamento e catequese*. In: FONTENELE, Airton; CHAVES, Gilmar. Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 272-3. Sobre isso ver também: CASCUDO, Luis da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. Séculos XVI-XVII-XVIII. 4ª ed. São Paulo: Ed. Martins, 1971.

<sup>20</sup> Segundo Carlos Studart Filho, em análise sobre a história eclesiástica do Ceará, afirmara que desde cedo, por falta de patrocínio do Estado português, os missionários que vinham a então capitania do Ceará, não se demoravam visto os poucos recursos que dispunham para administrar suas funções religiosas aos poucos brancos residentes no forte. Essas questões, segundo o historiador, facilitavam uma população aos poucos miscigenada em direcionar suas práticas religiosas ao obscurantismo. Sobre isso ver: FILHO, Carlos Studart. *História eclesiástica do Ceará. Parte I*. Op. cit. p. 30.

As formas de olhar, sentir e viver o sertão estabelecia no universo cultural desses primeiros habitantes, representações as mais variadas. O nível mental das populações sertanejas encontrava nas práticas religiosas o estabelecimento com o “real”, assimilando, a sua maneira, respostas às agruras, instituindo a religião como lugar central na função ordenadora de suas vidas, sob invocação lenitiva, parecendo não conseguir acompanhar os ensinamentos cristãos ao ritmo do ardor catequético em suas ações missionárias, que segundo alguns, criavam uma mentalidade mística entre a gente simples<sup>21</sup>.

Vários fatores ajudaram a moldar essa população. O meio geográfico e as condições climáticas, certamente foram fatores que conformaram os indivíduos migrantes, compondo características que ajudaram a desenhar o perfil desse homem do sertão. A adaptação ao clima semi-árido, com regime pluvial incerto, provocava um espaço “desorganizador” de vidas, resultando convívio não muito fácil<sup>22</sup>. O ciclo das águas ou das secas instituíam a dinâmica da vida desse sertanejo; a falta do líquido, responsável por toda a paisagem natural da região provocava em sua topografia, na fauna e flora, assim como em toda a vida social, a característica da inconstância, do incerto, produzindo ao indivíduo adequações ao seu cotidiano. Espaço e homem pareciam se fundir, sendo este gerado e moldado pelas ausências, onde sua existência

---

<sup>21</sup> Um dos fatores que favoreceu a essa “mentalidade religiosa” do sertanejo foi a publicação, ainda no século XIX, das *Missões Abreviadas*, livro que se constituiu no breviário dos religiosos sertanejos por muitas décadas e que muito influenciaram na compreensão religiosa nos sertões. Contavam fatos extraordinários de castigos em vida, de penas, de sofrimentos dos que transgrediam a lei Divina. Sobre isso ver: ALVES, Joaquim. *Misticismo no nordeste*. In: Antologia cearense. Revista da Academia Cearense de Letras: Imprensa Oficial, 1957. p.181. O missionário protestante Daniel Kidder afirmava que Portugal jamais publicara as Sagradas Escrituras nem permitira sua circulação a não ser quando acompanhada de notas e comentários devidamente aprovados pelo censor inquisitorial. A Bíblia não constava na relação dos livros que podiam ser admitidos em suas colônias sob o regime da dominação absoluta. Mesmo por ocasião de sua independência política, tendo os brasileiros adotado uma constituição liberal e tolerante, ainda assim, não pareceu ter tido o clero a obrigatoriedade em divulgá-la. Sobre isso ver: KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. Op. cit. p. 122.

<sup>22</sup> Djacir Menezes ao discutir sobre o ambiente social do Nordeste relacionado à cultura da caatinga afirma: “O homem, ao ingressar em qualquer quadro cósmico, em pequenos grupos rarefeitos, aventureiros, sente-se, mais que nunca, dependente das condições naturais. Não havendo cultura regular, está condicionado aos produtos eventualmente encontrados na região. As relações entre eles são simples, com base no próprio processo de trabalho produtivo, segundo os imperativos do ambiente cósmico, suas condições climáticas. Não há que buscar fatores sociais que plasmem direções nítidas”. MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. p. 64. Essas questões nos remetem a Alfonso di Nola quando afirma que as classes populares que conservaram na memória os traços culturais de origem pastoril ou camponesa sentem o sagrado como uma dimensão poderosa que lhes é totalmente estranha, na qual estão associados todos os elementos que fogem à banalidade e ao desgaste do cotidiano vivido, acumulando, numa fusão amorfa, as coisas ignotas e perigosas que pertencem antes de tudo aos santos, depois aos mortos, depois a Deus, ao domínio mediador do padre e do homem da Igreja. Ver: NOLA, Afonso di. *Sagrado/profano*. Enciclopédia Einaudi. Vol. 12. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. p. 128.



somente seria possível com o preenchimento dessas “lacunas”. Segundo Gustavo Barroso, “a alma do sertanejo é calcada na alma do sertão”; os extremos caracterizam sua existência, resultando, segundo o folclorista, no sertanejo combativo, tenaz contra o meio hostil<sup>23</sup>.

A esse meio agreste, segundo João Brigido, vinha um português de origem berbere, já denotando uma mestiçagem do europeu ocupante do lugar; alguns crioulos que os acompanhavam vindos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia e Sergipe, associados nos fragmentos da raça tupi, povoaram essas terras, formando uma miscigenação conflituosa das populações criatórias junto aos nativos que aqui já se encontravam estabelecidos: *tocarijus*, *tapuias*, *tremembés*, *tupis*, *kariris*, *tabajaras*, etc<sup>24</sup>. Essa miscigenação ajudou a moldar as características caboclas da sociedade cearense, povoando as ribeiras dos rios com suas fazendas de criar gados, tangendo os bois pelos pastos mais distantes. Essas etnias, apontadas como a base demográfica estabelecida, somadas com os colonizadores vindos das outras capitanias, estabeleceram-se como a formação social cearense, nem sempre vista com bons olhos.

O naturalista João da Silva Feijó, em princípios do século XIX, já apontava uma preocupação à formação social do cearense. Ao tratar sobre a população da capitania, destacou sobre sua extensão e diminuta população, segundo ele, “de péssima qualidade”, por ser constituída em sua maioria de índios:

Porque uns são índios originaes do paiz, entes de si mesmos ineptos para se felicitarem ou para fazerem a felicidade dos outros [...] outros são provenientes destes com os negros, cuja raça indígena constitue o maior numero della, conhecido com a vil denominação de – cabras –, outros são nascidos dos mesmos índios com os brancos, que faz em uma diminuta parte da população, verdadeiros mamelucos, porque ha outra raça impropriamente assim chamada, proveniente da mistura de outras, digo, de todas as outras classes entre si; a outra classe

---

<sup>23</sup> BARROSO, Gustavo. *Terra e sol: natureza e costumes do norte*. Op. cit. p. 167.

<sup>24</sup> BRIGIDO, João. *Povoamento do Ceará*. Op. cit. p. 242. Djacir Menezes corrobora com essas questões afirmando que: “Os portugueses e mestiços que dominaram o Ceará, procedentes dos focos de irradiação de Baía (sic) e Pernambuco, em demanda do Maranhão, nuclearam-se ao longo da costa, aliados aos tupis; praias e norte do Ceará eram povoados pelos ameríndios da família dos tapuias: daí as duas áreas culturais diferentes etnograficamente”. Afirma que nos cruzamentos que se seguiram entre os mestiços, o elemento afro, que afluía em pequenas porções, em determinados momentos de nossa existência colonial e durante os períodos seguintes, não encontrou as condições do patriarcalismo rural, onde a luxúria do senhor de engenho se escapava para a senzala. As fazendas daqui foram centros de caldeamento, é certo. A área das caatingas foi teatro da elaboração miscigena, onde predominou a percentagem aborígine. MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Idem, p. 53.

emfim a mais diminuta é a dos brancos, oriundos de Portugal...<sup>25</sup>

Essa formação social, segundo o naturalista, se tornou um dos fatores do atraso da capitania, resultando numa liberalidade que dotara essa incipiente sociedade, feições de “preguiçosos” e “indolentes”, “cheios de vícios e desprovidos das virtudes morais”. Capistrano de Abreu estabeleceu essas relações como “irregulares”, se reportando ao que chamou de “primitiva família brasileira”<sup>26</sup>. Tal formação, para nós, se torna importante devido à intenção em estabelecer uma analogia entre composição territorial e cultura religiosa no semi-árido.

Com a fixação desses indivíduos nos sertões – alguns edificando seus currais ou a procura de ocupações e terras para o criatório – foi-se fundando uma estrutura social que estabeleceria as diretrizes daqueles que viriam a compor os arraiais, povoados, vilas e futuras cidades dos sertões cearenses. Dos grandes proprietários dominadores pela terra, que ao redor de suas possessões faziam gravitar um número considerável de pessoas, criou-se uma ordenação social reforçada por uma certa “homogeneidade cultural”, predominada por uma solidariedade verticalizada onde faziam que fazendeiros, peões e agregados se sentissem ligados uns aos outros por laços de reciprocidade.

Mesmo tendo nesse processo de deslocamento para o sertão um resultado promissor, o fato é que a ocupação de populações nas plagas cearenses ainda se mostrava demograficamente baixa. Os atritos com os chamados “selvagens” e a própria aridez da região contribuíram para esse lento desenvolvimento, denominado por Thomas Pompeu Sobrinho de “caprichosa distribuição demográfica”<sup>27</sup>. O historiador apontara como fatores determinantes, causas de ordem geográfica, psicológica e histórico-social, questões de estreita interdependência, indispensáveis para se compreender tais processos. Segundo ele, o elemento psicológico foi o *gérmen*, a origem do fenômeno, fazendo esse homem tirar do meio cósmico energias a sua

---

<sup>25</sup> NOGUEIRA, Paulino. *Memórias escritas sobre a capitania do Ceará. por João da Silva Feijó*. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo III, 1889. p. 22. João da Silva Feijó, sargento-mor e naturalista que esteve por onze anos no Ceará produziu *Memórias sobre a Capitania do Ceará, escrita em 1814*. Segundo estudiosos representa o documento de maior valor científico e econômico produzido no Ceará no período colonial, apresentando uma visão integrada da natureza cearense destacando seus recursos naturais; trabalho com intuito de indicar os caminhos do desenvolvimento econômico desta Capitania. No início de suas impressões, o naturalista afirmava que a falta de conhecimento físico sobre a região era o que acarretava nas impressões negativas sobre sua viabilidade enquanto região próspera.

<sup>26</sup> ABREU, J. Capistrano de. *O descobrimento do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 84.

condição ao meio. Podemos entender esse elemento psicológico apresentado pelo historiador como o elemento religioso: a energia cósmica, interpretações míticas às privações cotidianas<sup>28</sup>.

Cândido da Costa e Silva ao analisar estudo sobre o catolicismo no sertão da Bahia afirma que a gente que ali nasce, vive, cria, ama, luta e morre, está plasmada pelo sertão, onde a natureza, expressão de Deus, estabelece em suas leis uma cultura preservativa do sertanejo. Este elabora soluções místicas enraizadas nesse universo religioso, onde grande parte de sua vivência deriva dessa motivação: Deus, santos, almas, como instâncias últimas nas soluções dos impasses e ameaças oriundas das forças cósmicas e biológicas<sup>29</sup>. Esse homem ao apresentar soluções para o absconso elabora uma heteronomia que passa a ser a característica fundante dessa sociedade.

O forte sentimento religioso na formação social cearense foi retratado pelo folclorista Gustavo Barroso, assim como outros estudiosos do início do século XX com aspectos pejorativos, elegendo suas crendices – bruxedos e feitiçarias –, como resultado de uma miscigenação de “raças inferiores” que formavam uma religiosidade velada pelo fetichismo, sintetizados nos elementos nativos e negros, na figura do curandeiro<sup>30</sup>.

A essa “religião impura”, afeiçoada ao modo de vida do sertanejo, fundava-se uma espécie de “fanatismo católico-fetichista”, em que se misturavam os resíduos das culturas africana e indígena. A relação com o divino era a motivação e significação para suas vidas. Tudo era apropriado ao religioso, elaborando uma cultura sacralizante que passava por uma “filtragem” às suas compreensões.

As orações eram moldadas às suas vivências, santificavam indivíduos muitas vezes não reconhecidos pelo catolicismo oficial, somavam passagens às histórias religiosas nem sempre válidas pelos Evangelhos; crenças que vislumbravam uma aproximação entre o divino e a vida terrena, um sistema de tradução do cristianismo que possibilitava um melhor entendimento à sua vivência com o meio; uma *religião*

---

<sup>27</sup> SOBRINHO, Thomas Pompeu. *Povoamento do nordeste brasileiro*. Op. cit. p.134.

<sup>28</sup> O sociólogo Eduardo Diatahy de Menezes ao discutir sobre o imaginário popular do sertão, afirma que os fatos relevantes da vida social possuem um caráter eminentemente estrutural ou total, ou seja, em sua base física e em seu desdobramento histórico, eles articulam organicamente as dimensões econômicas, políticas, culturais e simbólicas, dentre as quais, evidentemente, a religião ocupa um lugar privilegiado enquanto produtora de sentido da existência coletiva. MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *O imaginário popular do sertão: indicações para pesquisa*. Anais: 1º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte/Fortaleza: Universidade Regional do Cariri-URCA/ Universidade Federal do Ceará-UFC, 1988. p. 54.

<sup>29</sup> SILVA, Cândido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ed. Ática, 1982. p.14.

<sup>30</sup> BARROSO, Gustavo. *Terra e Sol: notas e costumes do norte*. Op. cit. p. 157.

*mestiça*, como afirmou Euclides da Cunha. Segundo o romancista, tal religião encontrava-se na fase de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, resultando num homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Ao analisar este homem a partir do mestiçamento apresentara uma qualidade moral à sociedade sertaneja em detrimento dessa fusão, traduzindo-se em crenças singulares representadas por manifestações complexas de religiosidade indefinida. Apresentando um olhar de um homem do litoral, partícipe do “movimento civilizatório”, Euclides da Cunha apresentou um sertanejo do século XIX travestido de superstições, de credices, em condição inferior, estabelecido pela relação imediata deste homem com a terra. Assim afirmava que:

...os sertanejos, herdeiros infelizes de vícios seculares, saem das missas consagradas para os ágapes selvagens dos *candomblés* africanos ou *poracês* do tupi. Não espanta que patenteiem, na religiosidade indefinida, antinomias surpreendentes<sup>31</sup>.

Dando uma certa continuidade a esse pensamento, Abelardo Montenegro afirmara ser as populações sertanejas profundamente místicas, atraídas pelo maravilhoso, pelo sobrenatural, por tudo aquilo que inexplicável para elas, significava a manifestação de vontade divina ou disposição de potência que não é deste mundo<sup>32</sup>. A própria idéia sobre Deus passava a ser ressignificada pelo homem do sertão, estabelecendo relações entre as intempéries climáticas, a fome e a morte, a um Deus castigador, lembrança do Jeová calamitoso dos hebreus. Essa divindade seria uma potência da terra seca. Se os sertanejos responsabilizavam Deus pelas leis ferozes, maldições e castigos eternos, recorriam a Jesus como providência mediadora, encarregado de amansar a dureza das leis naturais e de distribuir o bem e a felicidade<sup>33</sup>. Segundo o autor, nas regiões secas a religião está intimamente ligada à chuva:

Nas áreas dominadas pelas intempéries climáticas, as idéias de milagre e providência acabam por se opor à ordem da natureza. O homem não vê nada a não ser o processo para melhorar o seu destino e o dos demais: a intervenção do providencial<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Op. cit. p. 146.

<sup>32</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1973. p. 13.

<sup>33</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. *Religião*. In: *Interpretações do Ceará*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2001. p. 130.

Dentre essas interpretações, a vegetação ressequida não apresentava relação com a paradisíaca produzida pela simbologia cristã, onde sua longa tradição iconográfica associava a flora tanto às virtudes quanto à felicidade, organizadas dentro de várias significações ciprestes. A terra rachada pela inclemência do sol escaldante apresentava um outro cenário, mas nem por isso desapropriado ao significado religioso. Assim como a vegetação paradisíaca que representava um “retorno” ao Éden, a paisagem sertaneja, cinzenta, subdesértica também era acolhida por Deus, espaço de travessia que não aceita acomodações nem requintes também foi tocado por ele: “O que vem de Deus, vem do deserto...”<sup>35</sup>.

As comparações das novas terras com o mito do *paraíso* seriam algo marcante no imaginário cristão que se desenvolvia no Brasil até meados do século XVIII. Para Sérgio Buarque de Holanda, o ponto de partida para as “visões” medievais do Paraíso encontrava-se, naturalmente, no Gênese:

Onde se narra como o Senhor Deus, tendo criado o homem, em que insuflou o fôlego da vida e o fez assim alma vivente, plantou para sua habitação um horto “da banda do Oriente”. Ali espalhou, por toda parte, plantas agradáveis à vista e boas para comida: nos meios destas achava-se a árvore da vida, cujos frutos dariam vida eterna, e a da ciência do bem e do mal, única expressamente defesa do homem, sob pena de morte<sup>36</sup>.

No que o autor chama por *psicose do maravilhoso*, afirma que esse imaginário não pairava somente na credulidade da gente popular, mas era algo que perseguiria todos os espíritos. Para Leandro Karnal, os frades e administradores que chegaram à América no século XVI provinham de uma estrutura religiosa específica, com seus códigos, práticas e estéticas, uma continuidade do período da Baixa Idade Média e do Renascimento<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> Idem, p. 126. Ainda sobre o autor ver: *Psicologia do povo cearense*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

<sup>35</sup> DEBRAY, Régis. *Deus, um itinerário: material para a história do Eterno no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 64. Segundo o autor, no Velho Testamento o deserto é ao mesmo tempo magnético e repelente. Está carregado de ambivalência: é a punição de Adão e Eva e a salvação de Moisés, lugar de provação e espaço das tentações [...] Nunca indiferente: ele nos faz reviver ou morrer. Há uma mentalidade política peculiar ao deserto, e que consiste precisamente na recusa do político, na ignorância do Estado e na rejeição da lei civil. Uma mistura curiosa de individualismo rebelde, hostil a toda a autoridade constituída, com solidariedade tribal muito forte. Idem, p. 71-82.

<sup>36</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 4ª. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 144-5.

<sup>37</sup> KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 41.

Segundo Eduardo Campos a conduta principal ditada pelos portugueses se dava no temor a Deus, único caminho para se atingir os céus, sendo, segundo ele, a pedra de toque das populações sertanejas: “gente inculta, de uma maneira geral, apreende as explicações religiosas pelo lado primário e prático”<sup>38</sup>. A idéia do inferno e do demônio permeava o imaginário sertanejo, precisamente localizado, com sua morada nas profundezas da terra, onde:

...o demônio sentado sobre brasas, com um espeto não mão, a catucar os que ali foram parar por conta de seus pecados, obrigados nessa nova existência a jogar lenha às caldeiras, a garantir combustão ao fogo do inferno<sup>39</sup>.

A demasia fazia parte de suas interpretações, a fatalidade, do seu cotidiano. Nos folguedos populares, quase tudo persistia à invocação de santos e o temor ao castigo dos céus. No mês de junho, considerado o mês dos santos, os sertanejos reúnem versos e orações demonstrando o temor a Deus e o respeito aos santos e aos céus. De personalidade anímica, produziam interpretações, segundo alguns, consideradas folclóricas, que evidenciavam sua percepção cósmica, estabelecendo uma relação com o divino em todas as suas ações, transformando sua vida num grande ato litúrgico.

Segundo Jósia Magalhães, o nordestino, a mercê do insulamento do meio físico em que vive, produz uma postura perscrutadora em face do tempo e das coisas:

Observa a posição das constelações, o movimento dos astros, o círculo da lua, a forma das nuvens e não deixa de reparar nas condições do ocaso nem nas circunstâncias personalíssimas em que nasce o sol em determinados dias. O canto dos pássaros, a atitude dos insetos, a conduta dos animais e o comportamento das árvores, outros tantos elementos são de que se socorrem os sertanejos, para tirar conclusões sobre se, no próximo ano, haverá seca ou inverno. E tudo além de enriquecer o nosso variado folclore, constitui um corpo de doutrina, em código de sabedoria popular com que se procura deitar sobre a luz do futuro<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> CAMPOS, Eduardo. *Estudos de folclore cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960. p. 49.

<sup>39</sup> Idem, p. 39-40. Para Gustavo Barroso dentre as lendas relativa ao mundo sobrenatural, a do diabo se mostrava importantíssima pelo modo que ele se apresentava no imaginário da população sertaneja, completamente diversa das crenças de outros povos. Segundo ele, a figura do diabo “é bonito, bem vestido, tipo de homem decidido e audaz, mas tem os pés de pato e os dentes reluzentes, de prata nova [...] aparece bem-vestido e a cavalo, de tarde, ao pôr-do-sol, quando as moças vão buscar água às cacimbas; encarna-se nos gatos pretos e, às vezes, voa junto com a coruja...” Ver. BARROSO, Gustavo. *Terra do sol: notas e costumes do norte*. Op. cit. p. 199.

<sup>40</sup> MAGALHÃES, Jósia. *Previsões folclóricas das secas e dos invernos no nordeste brasileiro*. In: ROSADO, Vingt-Um e ROSADO, América (org.). *Décimo Segundo Livro das Secas*. Natal-RN: Editora Universitária, 1985. (Col. Mossoroense). p. 72.



Universo de sensações plurais, a mentalidade do sertanejo mostrava-se demasiadamente voltada para os santos e coisas sagradas do catolicismo, não deixando de ver, em tudo, interferência divina. Devido a isso, quando as circunstâncias do tempo eram ameaçadoras, faziam-se orações, procissões e promessas pessoais ou coletivas aos santos tutelares com intuito de afastar a perspectiva angustiada da seca. Aos santos era dada a tarefa de interceder pela bonança climática. São Pedro, São João e São José se transformavam em interlocutores do sertanejo para com Deus e a Virgem Maria, depositando nestes patronos celestes suas esperanças a um inverno farto, crucial à sua sobrevivência no semi-árido<sup>41</sup>. Produziam, ainda, exercícios de penitência, vinculadas às Santas Missões. Segundo Rosenberg Cariry:

Os padres falavam às massas camponesas, pobres e abandonadas (em mau-português, em mau-italiano e em mau-latim), das provações do mundo e dos horrores do inferno, incutindo nas almas incultas e crentes a necessidade do sacrifício e da penitência para conquistar o reino dos céus<sup>42</sup>.

Junto à fé do sertanejo, estabelecia-se uma série de orações que serviam para todos os fins. Segundo Eduardo Campos, acreditava-se que algumas dessas orações só realizavam milagres quando pronunciadas cabalisticamente pelos curandeiros e rezadores, principalmente pelos últimos. Outras ganhavam poderes simplesmente escritas num papel e guardadas com fé; assim, o sertanejo jamais abandonava a prática de carregar consigo, num saquitol, uma oração milagrosa, um “breve”, como se conhece pelos sertões: orações para proteger os pobres (Salmo 90); contra os inimigos (invocando Santa Catarina); para mostrar sorte no jogo (invocando São Gonçalo); oração contra os males físicos como as febres; oração para curar erisipela<sup>43</sup>, contra

---

<sup>41</sup> Segundo Jôsa Magalhães, existem algumas lendas em que os santos do catolicismo são figuras capitulares. Assim é que, para virem as chuvas com abundância, costuma-se, às vezes, proceder à transferência das imagens de um altar para outro, não só dentro da mesma igreja, vila ou cidade, senão também, para altares situados a várias léguas de distância. É costume, igualmente, roubar e ocultar os santos de altares particulares. Estas imagens, destarte expatriadas, só voltarão a seus próprios lares quando o inverno se manifestar. Segundo a autora, as primeiras experiências são feitas em junho e se relacionam com São João e São Pedro. Diz-se que se no dia 23 ou 24 de junho, a véspera ou dia de São João, cair um serenozinho ou pintar chuva durante o dia, o inverno do ano seguinte será bom. Afirma-se, outrossim, que se à noite cair chuva que apague a fogueira de São João, não faltará inverno, igualmente no próximo ano. Para o dia de São José, 19 de março, que é sempre precedido de novenário e promessas, já meio desconfiados, convergem os sertanejos as últimas esperanças sobre o inverno do ano corrente. Se não chover até esse dia, está decretada a seca. Idem, p. 74-5.

<sup>42</sup> CARIRY, Rosenberg. *Ordens de penitentes*. In: BARROSO, Osvald; CARIRY, R. Cultura in submissa. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982. p. 184.

<sup>43</sup> Doença infecciosa contagiosa que atinge pele e plano subcutâneo, e se caracteriza, clinicamente, pelo rubor e tumefação das áreas lesadas, além de acarretar sintomas constitucionais.

seção; oração para defumar a casa, contra mau-olhado; oração para fazer o gatuno entregar as coisas roubadas; oração para resistir aos artifícios de mulher perigosa, etc<sup>44</sup>. Tais súplicas demonstravam que a interferência do divino ia além das questões sagradas, relacionando-as também a sua vida mundana.

A esse panorama, os religiosos que aqui chegaram ajudaram a fortalecer essas interpretações. A mensagem dos primeiros missionários, caracterizados pela pobreza e pelas missões ambulantes era de cunho penitencial e milagreira, já comum entre os nativos no primeiro período colonial. Perfazendo enormes trajetos a pé, esses religiosos eram reconhecidos por todos pelos símbolos como o breviário e o bordão, identificadores dos missionários sertanejos. A Ordem de Penitentes, comum nos sertões desde o século XVII, reproduziam as práticas da autoflagelação e dos rituais de penitência tributária do período medieval, trazido por religiosos em *missões*.

Nesse somatório de sensações, constituiu-se um estágio de religiosidade radical, estimulando o surgimento de monges rústicos, pregadores, religiosos-místicos que tiveram seu auge a partir de inícios do século XIX. Segundo Nilton Freixinho, via-se ao longo das estradas, em torno de capelas que eram construídas, ou reparadas, místicos sertanejos, portando improvisadas e rústicas cruces de madeira, conduzindo orações ensacadas, a tiracolo, vestindo grossas túnicas e usando rústicos gorros, ambos com aplicações de motivos bíblicos<sup>45</sup>. No olhar do estudioso, a população pobre do interior nordestino, insulada do alcance do Estado, configurou a religião à sua maneira, adaptando-a as suas concepções de vida, estabelecendo, assim, um universo não limitado de formas e ritos exteriores, uma inversão ao pensamento ortodoxo da Igreja, produzindo experiências traduzidas como “rústicas”.

A esses homens e mulheres também foi dada a tarefa de povoar o semi-árido cearense, construindo formas de socialização que faziam expressar o viver nas “terras secas”, estabelecendo condutas estranhas ao olhar civilizador do século XX, e que ajudaram a inventar a cultura sertaneja numa aura religiosa bastante peculiar.

#### Bibliografia:

---

<sup>44</sup> CAMPOS, Eduardo. *Medicina popular pelas orações*. In: SERAINE, Florival. Antropologia do folclore cearense. 2ª ed. Fortaleza: UFC, 1983. p. 265. Segundo Eduardo Campos essas são as orações mais popularizadas no Ceará.

<sup>45</sup> FREIXINHO, Nilton. *O sertão arcaico do nordeste do Brasil: uma releitura*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2003. p. 65.

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. Brasília: Ed. Senado Federal, 1998.

\_\_\_\_\_. *O descobrimento do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ALVES, Joaquim. *Misticismo no nordeste*. In: Antologia cearense. Revista da Academia Cearense de Letras: Imprensa Oficial, 1957.

AMORA, Manoel Albano. *Crônicas da Província do Ceará*. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1990.

ANDRADE, Lopes de. *Introdução à sociologia das sêcas*. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1947.

AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000. (Col. Outros Diálogos).

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol: natureza e costumes do norte*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BRIGIDO, João. *Povoamento do Ceará*. Revista do Instituto do Ceará. Tomo XIV, 1900.

CAMPOS, Eduardo. *Estudos de folclore cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

\_\_\_\_\_. *Medicina popular pelas orações*. In: SERAINE, Florival. Antropologia do folclore cearense. 2ª ed. Fortaleza: UFC, 1983.

CARIRY, Rosemberg. *Ordens de penitentes*. In: BARROSO, Osvald; CARIRY, R. Cultura insubmissa. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982.

CASCUDO, Luis Câmara. *Tradição, Ciência do Povo: pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. *Antologia do folclore brasileiro. Séculos XVI-XVII-XVIII*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Martins, 1971.

COSTA FALCÃO, Cleire Lima da; FALCÃO SOBRINHO, José; SOUSA, Raimundo Nonato Rodrigues de; MOTA, Francisco Alencar (orgs.). *Semi-árido: diversidades naturais e culturais*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DEBRAY, Régis. *Deus, um itinerário: material para a história do Eterno no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FILHO, Carlos Studart. *História eclesiástica do Ceará. Parte I*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXIX, 1955.

\_\_\_\_\_. *O povoamento do Ceará. 1ª Parte. Ambiência*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXXXIII, 1969.

FREIXINHO, Nilton. *O sertão arcaico do nordeste do Brasil: uma releitura*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2003.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1953.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 4ª. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

HOONAERT, Eduardo. *Aldeamento e catequese*. In: FONTENELE, Airton; CHAVES, Gilmar. Ceará de corpo e alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a terra da luz. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. Op. cit. p. 122.

MAGALHÃES, Jósa. *Previsões folclóricas das secas e dos invernos no nordeste brasileiro*. In: ROSADO, Vingt-Um e ROSADO, América (org.). Décimo Segundo Livro das Secas. Natal-RN: Editora Universitária, 1985. (Col. Mossoroense).

MENEZES, Antônio Bezerra de. *O Ceará e os cearenses*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. [Ed. fac-símile, 1906].

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

MENEZES, Eduardo Diatay B. de. *O imaginário popular do sertão: indicações para pesquisa*. Anais: 1º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte/Fortaleza: Universidade Regional do Cariri-URCA/ Universidade Federal do Ceará-UFC, 1988.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1973.

\_\_\_\_\_. *Religião*. In: Interpretações do Ceará. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Psicologia do povo cearense*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

NOBRE, Geraldo. *Formação das cidades no Ceará-colônia*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo C, 1986.

NOGUEIRA, Paulino. *Memórias escritas sobre a capitania do Ceará. por João da Silva Feijó*. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo III, 1889.

NOLA, Afonso di. *Sagrado/profano*. Enciclopédia Einaudi. Vol. 12. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto do Ceará e a emergência de uma narrativa historiográfica*. Revista do Instituto do Ceará. Tomo CXVIII, 2004.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Passado sedutor: a História do Ceará entre o fato e a fábula*. In: RIOS, Kênia Sousa; FILHO, João Ernani Furtado (org.). Em Tempo: História, Memória, Educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. pp. 279-298.

SILVA, Alípio Luis Pereira da. *Considerações geraes sobre as províncias do Ceará e Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Typ. União, 1856.

SILVA, Cândido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

SOARES, Paulo Gil. *Nordestinos: conviver com a seca e dela tirar proveito, para acabar com o abandono, a miséria e a fome*. Rio de Janeiro: Ed. Rio Gráfica Ltda/Rede Globo, s/d..

SOBRINHO, Thomas Pompeu. *O Ceará: aspectos fisiográficos e antropogeográficos*. In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins. O Ceará. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939.

\_\_\_\_\_. *Povoamento do nordeste brasileiro*. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXI, 1937.